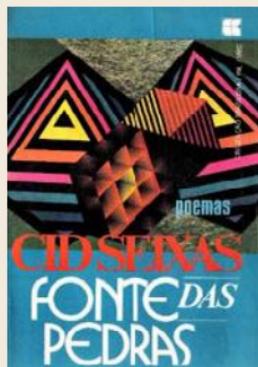


SOBRE FONTE DAS PEDRAS



Fonte das pedras é o primeiro livro de Cid Seixas a sair por uma editora de dimensão nacional. Foi publicado em 1979 na Coleção Poesia Hoje, volume 35, da Editora Civilização Brasileira, na época uma das mais importantes do país. O livro teve a tiragem aumentada para três mil exemplares, em virtude de um convênio de coedição com o Instituto Nacional do Livro. Capa de Eugênio Hirsh e texto crítico de Ariel Kriwochein Marques.

COMENTÁRIOS
de Oswaldino Marques,
Hugh Fox, Jorge Amado,
Flávio R. Kothe, Ariel
Krivochein Marques
e Antonio Houaiss

Tenho acompanhado os altos voos da sua criatividade. Conheço *Fonte das Pedras*, que contêm prismáticas invenções. Gostei muito do seu ensaio “Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose?”. Alegrou-me que tivesse cabido a Ariel Krivochein Marques, meu filho, escrever a aba do seu livro para a editora Civilização Brasileira. Subscrevo de todo aquele registro: “Fonte das pedras é uma demonstração cristalina da dialética da criação”.

Oswaldino Marques

Cid Seixas, o autor de *Fonte das pedras*, publicado pela Editora Civilização

Brasileira (Rio de Janeiro, Brasil), dá o melhor de si quando se coloca fora do mundo real para penetrar no mundo da palavra. Ele é um grande inventor-criador da poesia brasileira, mas perde em densidade quando atinge o que podemos chamar de Ar-Real no Tempo-Real.

Hugh Fox

Você sabe que sou leitor antigo e admirador da sua poesia, já o disse de público. *Fonte das Pedras*, além de levar a público de âmbito nacional a emoção de sua poesia, demonstra de forma inequívoca o amadurecimento do poeta no que se refere ao instrumento verbal de um verso tão íntimo e ao mesmo tempo tão exposto, pensado e encontrado.

Jorge Amado

Cid Seixas parece ser um desses tantos poetas que, só porque escreve algo parecido com versos, também se acha

no direito de dizer besteiras. Não é um poetastro simplesmente menosprezível e que não saiba nada do que está fazendo, mas também não é uma grande voz no horizonte da poesia. Com boa vontade pode até ser considerado um poeta quase estadual. Seixas está mais para a espacialização de Cummings do que para a sutileza de Mallarmé. Não que ele não queira ser sutil, mas Salvador não é Paris, especialmente a Paris do sonho que qualquer subdesenvolvido.

Flávio R. Kothe

Fonte das Pedras é uma demonstração cristalina da dialética da criação.

O poeta mergulha na pesquisa das camadas sonoro-semânticas que informam as palavras e contraditoriamente velam/revelam os objetos e seres do mundo.

É, assim, poesia que se desenvolve com a engenhosa naturalidade de água

em pedra, a assumir múltiplas e intrincadas formas der acordo com os diversos “veios”, antes de atingir seu simples objetivo: o leitor, a aguardá-la na fonte. (...)

Tecer assim a teia verbal do poema é ato ao mesmo tempo cerebral e instintivo – e o fio utilizado é necessariamente verbal, com toda a carga multissignificante que o dicionário confere às palavras (a título de curiosidade, a palavra inglesa webster, que dá nome ao famoso dicionarista, é, por caprichosa coincidência, termo arcaico para weaver, tecelão).

Ariel Krivochein Marques

Meu caro Cid Seixas,

Não sei qual o melhor – se o poeta, se o ensaísta (há em cada um algo do outro). Só sei que você põe sua marca pessoal e de qualidade-profundidade. Isso é ótimo.

Meus sinceros agradecimentos e
minha devota admiração,

Antonio Houaiss

